**SIAP PORTO 2023. SEMINÁRIO DE INOVAÇÃO EM CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS**
SIAP nº 49 (**com sessão satélite nº 20**)

**Pessoas invisíveis ou invisibilizadas? Abrir os olhos ao sistema de saúde. ¿Personas invisibles o invisibilizadas? Abrir los ojos al sistema de salud**

Porto (Portugal), fase presencial a 29 e 30 de setembro de 2023 - Seminário bilíngue português e espanhol

**Feminismos Sobre Rodas,** Ana Vasquez

Feminismos Sobre Rodas é um coletivo feminista que nasceu no Porto, em 2019, com o objetivo de levar iniciativas feministas, de discussão sobre os direitos das mulheres, desde uma perspetiva anti-capitalista e interseccional, a locais do país onde, por norma, há menor mobilização a esse nível - locais onde há poucos coletivos, manifestações, espaços de debate e construção coletiva.
Juntámo-nos para conhecer melhor o interior do país e debater com outras mulheres os problemas quotidianos, desde a violência doméstica à precariedade laboral. Não levamos soluções, nem receitas feministas "faça você mesma", para resolver as diferentes formas de opressão e discriminação das mulheres. Entendemos que, para ocorrerem mudanças na sociedade, é necessário que o debate seja coletivo, que participem as do litoral, as das aldeias, as das vilas e as das cidades esquecidas do interior do país. E por isso decidimos fazer-nos à estrada, num projeto de intercâmbio de experiências e desafios. Levamos a performance, as rodas de conversas, o teatro do oprimido, os cartazes e a disponibilidade para conversar, debater e aumentar.
É assim que descrevemos a Rota Feminista, que começou em 2018/2019. Depois, houve uma 2a edição em que tentámos prosseguir com algumas atividades, já em formato híbrido/online, até decidirmos mesmo parar, por causa da pandemia. Retomámos em 2022, com a 3a edição, que arrancou com o primeiro acampamento feminista, em Setembro, uma grande Exposição e Festival Feminista, no Porto (Fevereiro/Março) e encerrará com a realização do 2o Acampamento Feminista, também em Ponte da Barca, em Setembro. Nesta edição já passámos por Vila Real, Covilhã, Viana do Castelo, Amarante, Guarda e Viseu. Neste âmbito, apoiámos a organização de rodas de conversa, uma sessão com mulheres em situação de reclusão, oficina de bordados, uma marcha para assinalar o Dia Internacional Contra a Violência Doméstica (25/11), oficinas de cartazes, festas feministas (porque a revolução também pode - e deve - ser uma festa!), uma sessão numa escola, entre outras atividades.

Temos um projeto, que ainda não conseguimos tirar do papel, de fazer uma sessão (ou um ciclo de sessões) sobre saúde das mulheres e direitos reprodutivos. Até agora, temos esbarrado com dificuldades várias, a principal das quais encontrar profissionais (locais, próximos ou disponíveis para se deslocarem) dispostos a abordar estas questões desde uma perspetiva transfeminista e interseccional. Fomos sentindo também, pontualmente, alguma resistência e dificuldade, por parte das organizações parceiras, em criar um ambiente seguro, aberto e intergeracional, em meios geralmente pequenos, e apercebemo-nos de que estes ainda são temas quase tabu e alvo de comentários por parte

da comunidade. Isto leva-nos a crer que a saúde das mulheres e questões relacionadas com os direitos reprodutivos ainda ficam, no geral, perdidos e relegados para segundo

plano fora dos grandes centros urbanos, quer pelo sistema, quer pelas próprias utentes.
**Como é que, do vosso ponto de vista, nós podemos sensibilizar e mobilizar a comunidade médica/profissionais de saúde para este tipo de atividade?**

Ao longo das atividades da rota, no encontro/exposição e no acampamento, apercebemo-nos também da urgência que as mulheres têm em sentir-se vistas, escutadas e unidas, bem como de uma necessidade grande de politização e socialização das suas lutas e das dificuldades e obstáculos que, como mulheres, vão sentindo e encontrando nas mais simples e corriqueiras atividades quotidianas e na experiência que têm com os serviços a que precisam de aceder.
**Que papel é que, na vossa experiência, o sistema de cuidados primários nestas comunidades pode desempenhar no suprimento desta necessidade? Quais é que, dentro deste eixo feminista, anti-capitalista, interseccional, vocês acham que são as principais lutas que estas comunidades precisam de travar, do ponto de vista da saúde física/mental/social?**

Teremos a oportunidade de falar mais sobre isto durante os SIAP, mas seria muito interessante ouvir as questões que possam ter, nos próximos dias, de forma a podermos preparar uma cápsula enriquecedora para todes. Existe também a hipótese de podermos debater algumas delas no acampamento, se nos chegarem entretanto.
Até lá, fazemos votos de um debate virtual rico e interventivo!